



MADEMOISELLE SUZANA ROLIM DA SILVEIRA, distinta pianista  
(Cliché Bobone)

II Série—N.º 417

**Ilustração Portuguesa**

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA  
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portu-  
guezas e Hespanha:

Redação, administração, off. de composição e impressão  
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent. Semestre..... 2540 cent.  
Ano..... 4880 cent. Numero avulso. 10 cent.

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8



**Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos,** CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

**Tónico Amarelo** com sello **Viteri**

Preparado desde 1882 pela PHARMACIA BARRITO. — Suspense a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. Regenera a cãr primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo, impede a calvice, conserva os frisados e ondeados. Não contém enxofre. **FRASCO 700 réis** Para fora de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. **Deposito geral**

**VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup>** - 84, R. Paquetairos, 1.<sup>o</sup> LISBOA

Sabonete preparado com os saes das Aguas de **Vizella** o melhor para a pelle



Comprem os Bordados **Schweizer**



franco de porte a domicilio  
**Vestidos Blusas**  
 desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95  
**Vestidos para Crianças**  
 desde Fr. 5.90

No melhor bordado suíço sobre cambraila, voile, crepon, toile e sobre sedas novidade. Pegam, a nossa colleção 22 de figurinos novos com amostras bordadas. Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

**Schweizer & Co. Lucerne, Suíssa**

**POUDRE GERMANDRÉE**  
 Secret de beauté  
 Pour embellir, soigner et adoucir la peau. C'est le véritable Parfum Idéal.

**FRIO da BELLEZA**  
 PÓS para embellezar a cutis.  
 PÓS em folhas adherentes em forma pratica.  
 CREME para preservar e suavizar a pelle.  
 A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS ELEGANTES DE PORTUGAL  
**MIGNOT-BOUCHER**  
 19, Rue Vivienne - Paris

**Companhia do Papel do Prado**

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

**PARA QUE VIVER?**

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, ordo, amor, correspondido, ganhar aos jogos e lo-arias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor **YTAILO, 35, Boulevard Bonne-Noubille, 35 - PARIS.**

**Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.**  
**BAUME BENGUÉ**  
 CURA TOTALMENTE  
**RHEUMATISMO-GOTA**  
**NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias

### Doenças mores e imoraes

Um dia, Fournier, o mestre da sifilografia moderna, disse n'um dos seus livros: «E' tão vergonhoso contrair a sífilis como ter uma pneumonia». Brieux fez d'esta fraze um drama: os *Avariés*. O governo francez, immobilisado nos conceitos fôsseis da moral convencional proibiu as representações da peça. Pois bem: a Austria acaba de dar uma lição á França. O ministro da guerra do governo austriaco

contratou com a companhia da *Neue Wiener Bühne* a representação dos *Avariés*,—primeiro em Vienna, depois em Saint-Poelten, Moebling, Prissbourg, Buda-pesth. A nobre e generosa comédia de Brieux vae ensinar á mocidade austro-hungara que não ha doenças mores nem doenças imoraes; que o tempo dos pudores hipócritas passou,—e que a «avaria», sendo um mal que pôde evitar-se, não é uma ignominia que deva esconder-se.



### A dança do Papa

A grave dança dos gondoleiros, que a Veneza do século XVIII conhecia já, e que as *zentildonne*, com os seus tricórnios pretos e a sua máscara, dança vam ao som de flautas na névoa d'ouro dos jardins da Zuéca, —vae, pela indicação profana de Pio X, resurgir nas salas da aristocracia mundial. E' contestavel que a missão do pontífice romano seja, positivamente, a de ensinar a dançar o mundo católico. E', mesmo, licito duvidar da competencia especial de Sua Santidade para julgardas excelências da *faulna* sobre o *tango* ou do

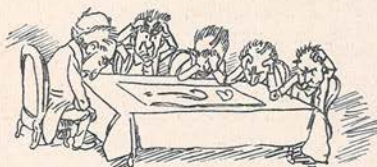


*mazix* sobre o *cake walk*,—porque a dança—não é, rigorosamente, uma questão de consciencia. O que ninguém contestará, decerto, são as vantagens que da intervenção do pontífice em assuntos coreográficos podem resultar para o desocupado clero portuguez. Já o *Século* de terça feira ultima publicava o seguinte anúncio, que passou despercebido e que tem espirito: «*Sacerdote católico.—Da lições do no-*

*vo baile, com diploma do Vaticano. Preços reduzidos. Escrever agencia de anúncios, rua dos Retrozeiros, 148, L. R.»* Com efeito, —quem melhor do que o clero, para ensinar dança do Papa?

### Politica

Durante a ultima semana constituiu-se e apresentou-se ao parlamento o novo ministério. No discurso de apresentação, o sr. Bernardino Machado afirmou que o programa do governo não excederia as providencias acerca das quaes todos os partidos estivessem d'accordo. Sendo, n'este momento, tão cordeal o desaccordo entre as fações politicas, a muitos pa-



rece que a ação governativa terá de exercer-se n'um campo excessivamente restrito. Espere, porém, que não suceda assim. A atual irreductibilidade entre os partidos provém, não de conflitos de idéas, mas de incompatibilidades de homens. E quando os principios não divergem, não fica mal aos homens o esquecimento d'agravos e a coordenação de esforços para o bem comum.

### «Silhouettes»

Sarmento Beja acaba de reunir em volume as interessantissimas *Silhouettes* publicadas no *Primeiro de Janeiro*. São cincoenta e dois perfis de cincoenta e duas figuras em evidencia, tocados com um poder de caricatura que não exclue a mais amavel benevolencia e com



uma variedade de efeitos onde se afirma um virtuosismo literario pouco vulgar. Sarmento Beja possui, a par d'um vivo e dextro talento, o instincto d'essa arte, verdadeiramente franceza, de surpreender os pequenos ridiculos de toda a gente, sem ferir o amor proprio de ninguém.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

# Tentação de João da Pousada



QUANDO terminou o discurso do advogado o defezo, o juiz, apertando a luneta, acomodou-se na cadeira forrada de damasco vermelho e ordenou:

— Levante-se.

O reu obedeceu, tomando nas duas mãos o chapéu de pasta, que colou sobre a barriga, numa grande expressão de humildade, e ficou

olhando para a tribuna, silencioso e atento.

— Como se chama?

— João Lopes, senhor juiz. Mas também sou conhecido pelo João da Pousada, porque moro...

— Basta. Quantos anos tem?

— Vou em carro e meio, senhor!...

— Carro e meio? Sessenta anos, não?

— Sim, senhor.

— E' casado, solteiro ou viuvo?

— Casado.

— Onde nasceu?

— Na freguezia de S. Mamede de Aldão, onde inda moro.

— Em que se occupa?

— O quê?

— Qual é o seu modo de vida!...

— Ah! O senhor desculpe, que eu oiço mal. Eu faço as terras, senhor.

— Sabe de que é acusado?

— Ele, senhor, aquilo foi uma tentação que me deu — confesso, a chorar, de olhos baixos e com uma das mãos acamando as farripas ralas dos cabelos, na testa. Do mais, senhor, todo esse povo — e apontava para as testemunhas da sua aldeia — sabe que sou homem capaz e vivo do meu lidar. Mas aquilo!... Diabos leve o diabo!... Aquilo, meu senhor, foi um toque que me deu no coração, por amor dos bichos!...

— E tem mais alguma coisa a alegar em sua defeza?

— O quê?

— Se tem mais alguma coisa a dizer sobre o que resam os autos!...

— Ah! não, senhor... Eu, não, senhor... Foi uma tentação! uma tentação! — concluiu, a chorar e agitando o braço nervosamente.

— Sente-se.

Em seguida o juiz, ajustando a luneta, leu os quesitos. Crime de roubo, superior a cinquenta mil réis, com a agravante de premeditação. Os jurados ergueram-se, e recolheram a uma das salas, para conferenciarem. Meia assembleia levantou-se, truculenta, a discutir as testemunhas que haviam acusado o Pousada. Ele, porém, curvado e num chorar convulso, era estranho a tudo o que se passava lá fora, estarecido e apertando nas mãos queimadas a sua cabeça acinzentada e dorida, sob a impressão horrorosa d'aquela vergonha — preso por ladrão aos sessenta anos!...

E ainda ele n'aquela manhã acordára cedo.

Quando lavou a cara, curvado sobre a cantareira do tanque, balavam as Ave-Marias em S. Lourenço, a uma distancia de legua, e a luz religiosa do alvorecer, limpando a cara ao forro de baeta do casaco, apenas ouvia, lá para a estrada rial e a caminho da cidade, as carretadas dos regatões que traziam loiça e cebola ao mercado.

Poz-se então a pensar de si para si, enquanto sacudia as azas da andaina e corria a mão nas suissas molhadas e asperas. Aquelas touras, que diabo!... eram as primeiras que creára desde pequeninas, e nem sabia bem, falando a verdade, se melhor era o vende-las que guarda-las da engorda, para lhe substituirem os bois no serviço dos carretos. Ainda se ao menos lhe dessem o juro do dinheiro!... Mas não era certo. Pela conta que lhe haviam feito, a pedido, numa loja da cidade, o seu capital dava-lhe pouco mais que duas libras de mau rendimento. Quasi que lhe não tinha valido a pena... E depois, aquele tempo todo de casa, quasi que uma afeição, e as touras engordadas e crescidas, que era mesmo um regalo!...

— Mas os Santos estão á porta, também!... — acrescentou, coçando a cabeça. Faz minga pagar a renda ao senhorio... Vou-me. Com'assim, tem que ser, seja.

De um sóco, resolutu, deitou dentro a porta do curral. Estava escuro e mórno como na cosinha, quando o pão se refaz da cosedura. Logo em cima, sobre a barra e as canas secas de uns pensos velhos, estava o tamoeiro, numa laçada. Bateu as ancas das touras, que dormiam aninhadas sobre o estrume; e depois, numa hesitação em que a sua consciencia lutava como no cometimento de um grande pecado, foi-se ás pontas negras dos animais e lançou-lhes o laço forte da sóga. Não havia remedio. Os Santos estavam á porta. Apertou o chapu na nuca, decidindo-se.

— Vinde!...

As touras, estranhas á luz viva da manha já aberta, começaram uma luta sacudida e estouvada, rebeldes á agulha da vára. O João da Pousada a custo ponde apertar os botões do casaco, sobre a barriga. Todavia, ainda que a todo o instante sacudido pelos impulsos do gado novo que levava, conseguiu abrir a cancela com a ponta do tamanco, e então, de um esforço em que o corpo se lhe dobrara todo, fincou as tachas contra um rébo grande e arrancou as touras para a estrada.

— Cra agora vindo vindo!...

Mas nem pelo diabo a gadaria afrouxava nos seus ímpetos estouvados e altos. Quando de acaso outros gados lhe apareciam na caminhada, com furor e em saitos enormes, faziam tal esforço que parecia, por vezes, quererem levar de rojo pela poeira, desalvoradas, o corpo meão do Pousada. Só parando e fazendo-lhes face com a agulhada, asperamente decidido, o velho curto de tronco, mas rijo, conseguia conte-las. Porém a refrega a todo o instante se renovava; e, com fadiga e rancôr, eram já taes as agulhadas que o cavador lhes metia ao couro, que uma d'elas, ao alto da Cruz da Argola, trazia já, escorrendo-lhe para uma anca, um longo fio de sangue vermelho e puro.

— Malditas! Nem o diabo vos atura, senhor nem perdõe!...

Passando o resto do caminho em bruscos e continuados movimentos de contrariedade, o lavrador subiu prestes a calçada, rente á velha muralha do burgo, e entrou por fim, ancioso e bravo, no campo imenso da feira.

De roda, ficando o pau, compradores curiosos vieram rever, entre o desfolhado do cigarro, as touras inquietas, que acometiam agora contra o tronco de platano em que as tinham presas. Encostado á arvore e com o chapu quasi aos olhos, o Pousada começou bebendo os arcs, n'uma aguda curiosidade dos sentidos, a tatear lentamente a conversação de em redor. D'ali para baixo, em mar por todo o declive do largo, a feira cachoava e luzia num efeito de grande quadro. Mas logo os

primeiros feirantes partiram, desiludidos com o preço. O velho então refinou das contrariedades que o vinham minando. E se as não vendesse?... Entretanto o povo cruzava, embarçando-lhe a imaginação e atirando-se de onda contra os anímaes, que mugiam e lutavam. A essa altura o sol abriu mais, passado de uma nuvem, e pareceu que o rumor e a alegria aumentaram por sobre todo o campo da feira.

Quieto, ao lado, o Pousada revia os bois de um visinho. Então passou reite o velhote do oratório da Santa Luzia, de opa branca e uma carapuça de retroz apertada até às suas murchas. O camponez descobriu-se, beijou o vidro e deu dez réis, olhando as touças. Frouxo, no céu toldado, o sol voltou a recolher, como uma pupila desmaiada e inerte. E logo, sacudidos, os segundos feirantes se aproximaram, desdenhando a princípio, depois oferecendo o dinheiro em prata e prometendo acabar em vinho as duas coróas da questão.

— Mas isso não pode ser... — pensava o Pousada, a sorrir — que um homem então ficava bebido!...

— Isso não pode dizer nada... porque já não era a primeira! — retorquiu o feirante, chocalhando a bolca e batendo-lhe a outra mão sobre a ombreira. Mas se quer... cá está o dinheiro, e vamos ali à venda, que são d'aqui dois passos. Despache...

— Não que isto, como vocecêcê está vendo — explicou, aproximando-se e tomando o encarpado do couro às touças — isto é tudo carne! Tenho-as comigo desde que nasceram. Os pensos, louvado Deus, eram da melhoria. Olhe, olhe as unhas!... Raça de gado mais puro não ha. Tudo é saosinho na perfeição.

— Mas você quer, ou não quer?...

— Não senhora... Não posso. Não fazemos negocio? Paciência... De outra ocasião será!...

Então, João da Pousada, só entre aquele silêncio e deserto da teia do tribunal, deixou cair os braços de fadiga, ergueu a fronte com as lágrimas secas pela face sulcada, descancando de rememorar.

— Olhe... A sua-mulher veio perguntar se quer um caldo... — informou o oficial de diligencias, um alto e seco, de capa de chita negra a escorrer-lhe das ombreiras largas e duras.

— Não, senhor... Diga à minha mulher que vá para casa, com os anjos!...

O oficial parou, surpreendido e numa interrogação... Mas logo voltou, mais proximo:

— Sabe que o juri foi jantar...? Passa do meio dia. Tem muita esperão!...

João da Pousada olhou-o, cansado e com os olhos tão abstratos como os de uma criança, agitando maquinalmente a cabeça. Já era tarde... com efeito!... Fora, uma castanheira anunciava, e o vento fazia estremeecer as vidraças. O oficial, desdenhando d'aquello mutismo de idiota, resolveu retirar-se. Curvado e com os cotovelos fincados nas joelheiras de saragoça, o velhote de novo caiu abismado na sua rememoração tragica!...

E depois, com os terceiros feirantes, o negocio, enfim, fechou.

De uma grande sáca de *crochet* de côres, o mercador obeso ergueu consecutivas manadas de coróas, as quaes a sua mão pesada lá batendo a uma e uma sobre a pedra de um muro proximo. Com um mugido agudo e triste as touças começaram jogando os chavelhos negros ao tronco da arvore, assustadas com o ruído constante da prata. Esse mugido longo, erguido sob o fundo silencio do Pousada, entrou-lhe subito n'alma e foi como um despertar violento para a realidade de uma grande tortura. Lá iam as touças!... Agora abalavam, e talvez que nunca mais as tornasse a ver!... E por lá... quem sabia?... talvez que as tratassem mal, com fomes e frio, sem ter ao menos a caridade de uma cobrêja de estopaca que lhes lançassem no serro em todas as noites desse inverno que aí vinha, desalmado de neves e duro como uma espada!... Lá iam as touças!... Era o que era ver-

dade; lá iam!... E como principiassem a contar-lhe para as mãos a prata pesada do preço, ás alturas de uma moeda o Pousada fez alto, que o deixassem, que não via o que lhe contavam, de um mar de lagrimas que infantilmente lhe fechavam os olhos todos!

— Vá lá, homem! Que diabo quer você ás touças, que são gado como outro qualquer? Se fosse gente!...

— Não que era amor de familia! Crie-as desde pequerruchinhas!... Elas até me conheciam a fala!...

A contagem terminou, e o feirante, dando volta ao atilho da saca, entrou-o no bolso interior da jaqueta de alamôres, adestrando-se em seguida.

— Ora então fique com Deus. — e rodou, levando as touças.



Com as mãos cobertas de prata, o Pousada ficou a olhar, abstrato, para deante, aos gados que embostavam ou partiam. Por uma nesga de terra, entre o povo, as suas touças lá rodavam, retezadas pela soga do feirante desenvolto, e pareciam-lhe que tristes... Vá lá um homem ter coração pelos filhos ou pelo gado!... E' tudo da sorte de cada um!... E entrando dolorosamente na realidade d'aquella hora, olhando de novo e com firmeza a prata cunhada e dura, numa dôr d'alma intraduzível mergulhou subita e bruscamente as mãos cheias nos bolsos do casaco de pano castanho, apertou o chapéu sobre o nariz, e logo desalvorou por ali fora, tonto e batendo de encontro aos gados, a chorar como por um fillo, limpando as lagrimas corridas pelos beijos à palma suja da mão.

— Má raiz!parta na minha sorte, mas touças e em tudo!

E não atinou bem ao que fizera — não podia atinar — com ter andado mais perdido do que um doído.

Lembrava-se agora, apenas, de ter corrido, nervoso e como atordado, todos os largos de feira,

através da cidade, e de repetidas vezes se haver surpreendido, com uma impressão violenta obscurecendo-lhe toda a alma, a olhar abstrato e inutilmente o povo e os lotes da venda que se revolviam em redor.

Volta e meia, porém, batendo de acaso a mão contra o monte duro da prata, nos bolsos, acordava subitamente do seu estado de inconsciência, profundíssima, para aquela realidade sempre aspera e adversa, que o feria quasi que no castigo de uma recriminação e de um remorso. Andando continuamente, febril e inquieto, galgou ruas, calçadas, mercados, numa insaciedade nervosa, e sem apetite, sem coragem, sem destino. Dentro do seu coração, como uma fera encarcerada, um sentimento qualquer, confuso e profundo, lutava ansiosamente por se libertar. Mas então o meio dia timbrou e ecoou em grande arraial sobre as praças claras da cidade. Juntas de bois careteiras passavam, rodando incertamente, e o povinho dos campos benzia-se, calado e descoberto. Vieram ventos do sul, que fizeram varejar os grandes platanos de adorno publico. E a ele acordaram-lhe, abstrato a meio da resa amorosa d'aquella hora, grandes e tristes lembranças da sua casa, onde para todo o sempre a corte seria quasi gelada e deserta, guardando apenas os velhos bois que ruminavam tranqüilos á luz pórcia do postigo, e onde n'esse momento a mulher idosa, fiando porventura na varanda antiga do alpendre, esperava que ele regressasse ao logar com essa felicidade honrada e tão restrita do dinheiro destinado á renda.

Imoveis, as suas mãos erguiam-se sob o chapéu, numa attitude elevada de oração, quando a primeira lagrima rompeu, correndo tranqüilamente na face sulcada de amargura. Cançara-o a alma opressa até áquele esmorecimento dos olhos alongando-se indefinidamente, e tristes de uma tristeza impotente, sobre a qual já nada seria forte e possível... Anoitecera na sua vida como o sol parecia ter anoitecido no espaço!... Cobriu-se, desiludido... E então, caminhando de regresso a casa, voltou a criança, a nobre criança grande, curvada sob a afflita onda dos soluços, a dizer, ininteligivelmente, carinhos, lembranças, palavras...—coisas que só o seu amor sabia, que até então só o seu coração guardara.

São o misterio insondavel da vida as grandes dores que nos esperam!...

Mas a enfaxiar melhor a soga no varapau, já conformadamente decidido ao caminho, ia a cruzar com a portada truculenta de um tascos, quando, com um sobresalto violento e uma quasi simultanea alegria, viu presas a uma argola ferrada na ombreira de pedra as tours nédias e côr de barro, as que já não eram suas, ambas roçando os focinhos numa expressão inludível de tristeza e de afeto.

Com um punho mordido de amargura e o cora-

ção batendo-lhe por um sentimento apressado, aproximou-se, a chorar, dos animaes; e lentamente, como com uma pessoa maguada, começou a roçar-lhes as barbelas, impressionado e velho, numa caricia de que só os seus dedos conheciam o segredo.

—Russas... russas... Já não sou o dono!...

Meneando as caudas, as tours baixaram a cabeça para o cheirarem no casaco castanho. Um mugido longo, quasi lugubre, irrompeu dos animaes a sentirem com elle a quele dia de apartamento. Lagrimas quentes, de um amargor que o velho jámais sentira em sua vida, lhe corriam nas faces, continuadas; e quasi que abraçando-as pelos focinhos, estranho em absoluto á balburdia interior do tascos, o Pousado gemia com ternuras paternaes e quasi desesperado:

—Russas... russas... já não sou o dono!... Tudo acabou... tudo lá vae!...

Mas, subitamente, um pensamento desconhecido e de um estranho poder impressionante, luziu e se incendiou na sua alma!... Como que á traição, poderoso e seguro, elle só poudo dominar-lhe todas as forças do raciocinio e da vontade. Mudo, ao velho secavam-se-lhe as lagrimas nos olhos abraçados, o seu coração batia baixinho e as suas mãos trabalhavam, lutavam por instinto, numa inquietação constante mas dextra... Não sabia como, mas trabalhavam a uma força infernal, que violentamente lhe pesava sobre os ombros com mãos de ferro. Nada mais criminoso; nada mais innocente... E sem que podesse explicar a si proprio, submisso sob aquella força que o arrastava, que imperiosamente o obrigava, viu-se prestes roçando as paredes com movimentos monstruosos de gatuno, de soga apertada nas mãos de ferro, as tours seguindo-o ingenuamente e os olhos, sobre as lagrimas já secas na face transtornada e cavada, estremecendo, alucinadamente abertos!...

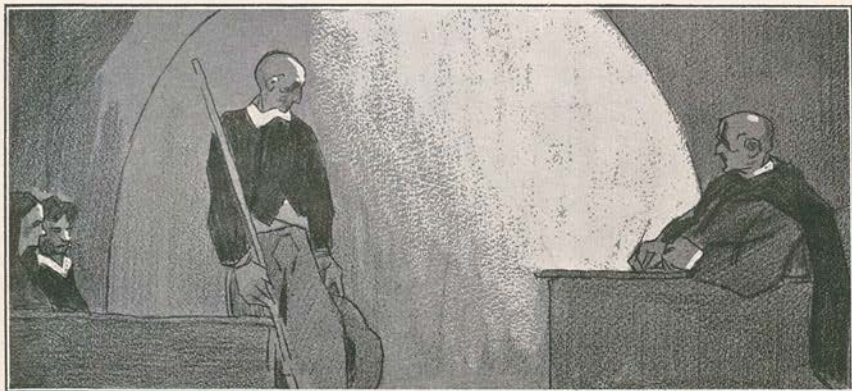
—Vinde!... Vinde!...

Era um ladrão!...

O official de diligencias\*, sacudindo-o pela ombreira, de rijo, preveniu-o de que a audiencia ia continuar.

Ao lado, na bancada, o juri perflava-se, solene e atento; e o doutor juiz, depois de haver dobrado o lenço vermelho do tabaco, começou lendo com lentidão uma lauda comprida e pèca, cheia de considerandos, enferrujada de direito. Lá fóra a mulher das castanhas apregouo de novo, e uns sócos que vinham batendo o corredor cortaram, sensivelmente, a solenidade melancolica do áto. Eram quasi duas horas da tarde. Já então a sineta da Oliveirinha chamava para o côro dos conegos. E quando o doutor juiz terminou, mais pesado se fez na sala o longo silencio respeitoso dos cavadores. O official, tomando o braço pesado de João da Pousado, levou-o como a um automato.

ALFREDO GUILMARÈS.



# o novo ministério

Ao cabo de varias tentativas junto de elementos extra-partidarios para a formação do ministério que devia substituir o dirigi-

do sr. dr. Afonso Costa, o illustre diplomata sr. dr. Bernardino Machado conseguiu formar gabinete ficando com a presidencia e a pasta do interior.

Para as finanças escolheu o sr. Tomaz Cabreira, major do exercito e lente da Universidade de Lisboa, antigo republicano que no tempo da monarchia esteve cumprindo alguns dias de prisão no forte de Elvas por ter falado n'um comicio de propaganda.

A pasta da guerra foi entregue ao sr. general Pereira d'Eça antigo diretor da fabrica d'armas e a da marinha ao sr. Augusto Neuparth, engenheiro hydrografo, chefe da terceira repartição do ministério da marinha.

Na justiça ficou o sr. dr. Manuel Monteiro



1. Sr. General Pereira d'Eça, ministro da guerra.—2. Sr. Tomaz Cabreira, ministro das finanças.—3. Sr. Augusto Neuparth, ministro da marinha



4. Sr. dr. Bernardino Machado, presidente do conselho, ministro do interior e interino dos estrangeiros

antigo governador civil de Braga e ultimamente nomeado vogal do Supremo Tribunal.

Para as colonias foi desde logo indigitado o sr. Lisboa

Lima, que é chefe de uma das repartições d'aquelle ministerio e engenheiro.

O sr. dr. Sobral Cid, professor da Escola Medica de Lisboa, aceitou a pasta da instrucção e o sr. dr. Aquiles Gonçalves, advogado e vogal da Junta de Credito Publico, a do fomento.

Para a dos estrangeiros foram convidados os srs. dr. Julio Dantas e G. Teixeira, ficando exercendo interinamente o cargo respectivo o sr. dr. Bernardino Machado que apresentou o ministério em 9 de fevereiro ao chefe d'Estado no palacio de Belem, reunindo-o depois n'um primeiro conselho.

O novo ministério compareceu na sessão da Camara dos Deputados no dia seguinte ao da sua constituição.



5. Sr. Lisboa Lima, ministro das colonias.—6. Sr. Manuel Monteiro, ministro da justiça.—7. Sr. Aquiles Gonçalves, ministro do fomento.—8. Sr. dr. Sobral Cid, ministro da instrucção

# A festa do Centro Hespanhol



Sr. Francisco Vigo

Esteve muito concorrida e brilhante a festa que o Centro Hespanhol de Lisboa realiso no teatro de S. Carlos a favor do seu cofre de beneficencia.

Representaram-se diversas comedias e zarzuelas, distinguindo-se n'elas as gentis *tí-pelas* amadoras D.



Sr. Teodoro Médina

magistralmente uma aria do *Mefistofeles* e um trecho dos *Bohemios*.

A *mise-en-scene*, a cargo do distinto artista sr. D. Francisco Vigo, foi corréta, merecendo este senhor, como o maestro sr. D. José Barcia Martinez, que dirigiu superiormente a or-



Sr. Eduardo Regoyos

Sr.<sup>as</sup> D. Carmen Alvarez papéis de *Fátima* e *Leña*

Laura Durán e D. Carmen Alvarez que revelaram muita elegancia e graça.

Tomou parte obsequiosamente no es-petaculo a cantora lirica sr.<sup>a</sup> D. Felisa Orduña que se encontra n'esta cidade de passagem para Londres, cantando



Sr. Domingo Mendoza

e D. Laura Duran nos seus *dora*.—«Cliché» Fernandes.

questra e os coros, os aplausos que toda a assistencia lhe dispensou.

Aos esforços da Direção do Centro e do seu secretario geral sr. D. Manuel Ribas Potau se deve, sem duvida, a boa organização d'esta festa interessantissima.



1. Sr.<sup>a</sup> D. Pepita Martinez.—A Direção do Centro Hespanhol: 2. Sr. José Campanela, vogal.—3. Sr. Enrique Martínez, vice-presidente.—4. Sr. Manuel Fuertes Pérez, presidente.—5. Sr. Manuel Ribas Potau, secretario geral.—6. Sr. M. González, vogal 7. Sr. Guarberto Varona, contador.—8. Sr. Juan Pinares, vogal.—9. Sr. Francisco Ortiz, tesoureiro.—10. Sr. José Breñosa que pontou a recita.—11. Sr. Luiz Sangareau, vogal.





Os interpretes da «Cena pitoresca de Aragão» na festa realizada pelo Centro Hespagnol no Teatro de S. Carlos, tendo ao centro o  $\diamond$  maestro D. José Barcia Martínez—(Cliché de Benollel)

# CINTRA

(Por ocasião da sua viagem a Portugal)



Et je retrouve ici les sinueux rivages,  
Les nuits dont la douceur enchante le sommeil,  
Les arbres rabougris à l'arome sauvage  
Et les abeilles d'or dans les raisins vermeils.

Oh! ce charme inconnu du rayon qui colore  
La pierre du chemin de reflets éclatants,  
Et ces parfums du sol qui transforment encore  
Une herbe desséchée en bouquet odorant!

Mais je désirerais l'ombre mystérieuse  
Des voiles de la nuit pour recueillir mon cœur;  
L'océan est trop bleu, les fleurs trop merveilleuses,  
Et l'âme s'étourdit de toutes ces splendeurs.

Oh! les enchantements de ces gammes de teintes,  
Et les moulins à vent, et les coteaux brûlés,  
Et les pins parasols aux éternelles plaintes,  
Et les vives couleurs des rocs ensoleillés!

Les chemins tortueux, beaux chemins de poussière,  
Qui se font un plaisir d'égarer le passant;  
Fleurs de toutes couleurs qui poussent sur les pierres;  
Les ponts tout vermoulus qu'on franchit en tremblant

Les villages perchés sur le haut des collines,  
Dans les coquelicots et dans les champs de blés,  
Et le torrent sans eau qui n'est qu'une ravine  
Où, comme flots d'argent, jaillit l'or des genêts.

Dans le lointain, Cintra, comme un château de fées,  
Sur le sommet des bois émerge du brouillard,  
Parmi les oliviers, les terres labourées,  
O plaines de soleil au delà des remparts!

Rêves de la forêt aux arbres centenaires,  
Lianes, mousse légère où s'éteignent nos pas;  
La résine des pins tombe en gouttes si claires  
Et le saule pleureur semble écouter un glas!

L'aloès épineux sait fermer un passage.  
Le chamerois géant se mêle étroitement  
Au marronnier en fleurs et le figulier du Tage  
Montre ses fruits mûris sous le soleil ardent.

La fougère a brodé des tapis où l'on glisse;  
Des rochers éboulés ont formé des chaos;  
Dans l'ombre des sentiers s'ouvrent les précipices  
Où des ruisseaux lointains agitent leurs grelots.

Là-haut, toujours plus haut, ce nid d'aigles des Maures  
Cintra montre ses tours et ses fiers contreforts.  
Il croit peut-être, au loin, parmi les sycomores,  
Voir luire les turbans et les boucliers d'or.

Le temps a étouffé le cliquetis des lances,  
Mais le pays des fruits et des pins résineux  
Rêve encore aux caïds, et les burnous immenses  
Planent sur les remparts et sur Cintra brumeux.

COMTESSE STUCKY DE QUAY.

A sr.<sup>a</sup> condessa Stucky de Quay é esposa do conde do mesmo título, membro do conselho de administração da Companhia do Borôr, e que ha mais de vinte anos trabalha pelo desenvolvimento agrícola e industrial da Zambezia Portuguesa.

## PELOS AÇORES A Ilha das Flôres

Em poucas regiões do mundo o mar e a terra se casam em aspetos tão surpreendentes, como nos Açores. Desde a Ilha de S. Miguel à do Corvo, isto é, desde a maior e mais dotada de progressos à mais pequena e necessitada até de benefícios rudimentares, a natureza desenrola-nos uma serie interminavel de quadros, qual d'elles mais cheio de contrastes, qual d'elles mais imprevistamente belo. O proprio estrangeiro, que tem percorrido grande parte do globo, julgando nada mais haver que lhe possa ferir a admiração, ao aportar aos Açores, confessa-se profundamente maravilhado com as estranhas belezas das nossas ilhas.

E ha duas d'elas, aonde poucos turistas vão e que encerram o que ha de mais tipico n'aquella singular natureza. São as ilhas das Flôres e Corvo, as mais occidentaes, deffrontando-se sósinhas



Ilha das Flôres: O porto de Santa Cruz, com o paquete «Funchal» á descarga.

a 15 kilometros de distancia, e arredadas das outras por muitas leguas de mar caprichoso.

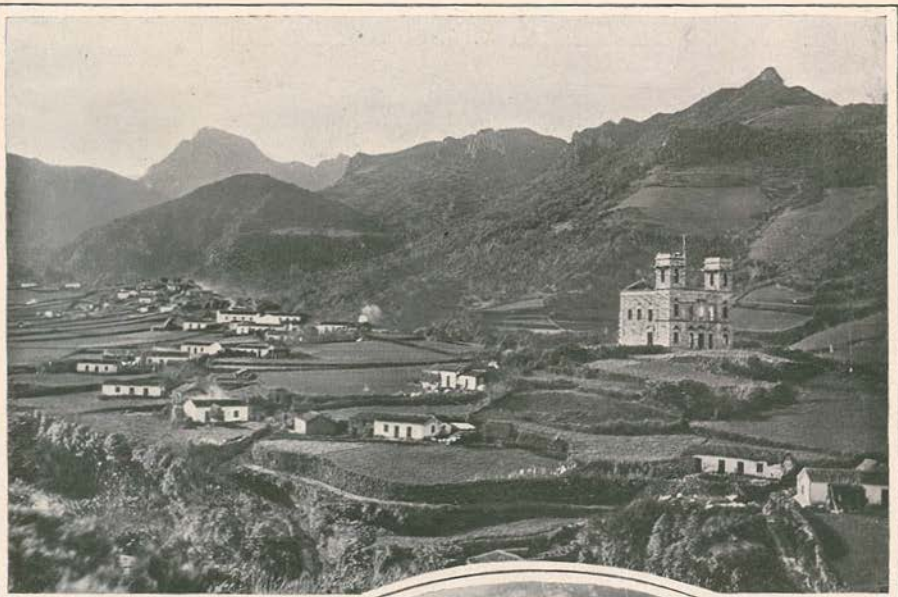
Do Corvo já a *Ilustração Portuguesa* se occupou, reproduzindo o pitoresco das suas rochas, do seu porto, infamado por tantas perdas de barcos e de vidas, á falta de um insignificante melhora-mento, que, finalmente, está em via de se realizar.

A Ilha das Flôres não podia ter nome mais justificado. As suas rochas e os seus campos, quer nos pontos mais abrigados, quer nos mais desapiedadamente varridos da nortada e dos borrifos do mar, são outros tantos jardins. A hortense, que nós em Lisboa só conseguimos ter com particular resguardo, é ali considerada uma planta daninha, banida dos quintaes, servindo para dividir em cordões espessos, á falta de pedra e de estacaria, os grandes relvedos destinados á pastagem. As camelias, as mimosas e franzinas camelias dos



O caes de Santa Cruz.

(«Clichés» do distinto amator o capitão sr. Eduardo Gomes da Silva)



Aspeto da Fazenda de Santa Cruz das Flores

ossos jardins, tomam ali as proporções de arvores e tem uma resistencia que as faz preferir para tapumes e abrigos. O lavrador anda em luta permanente para extirpar das suas terras a *Roca de Venus*, a *Cana Indica* e outras muitas especies, que aqui nos deliciam com o verde lustroso das suas grandes folhas, com o amarelo d'ouro e o vermelho sanguineo das suas flores. Que grandes planicies não se atravessam, sobretudo para o lado da Fajanzinha, em que se pisam só margaças, honinas e macela, que exala o seu intenso e agradável aroma sob a pressão indifferente dos nossos pés!

Em compensação as grandes arvores não vão ali. Quando algumas, como os pinheiros, crescem despreocupadas e parecem desafiar os vendavaes que por vezes açoutam a ilha de lés-a-lés, de um momento para o outro curvam a cabeça, rangem desesperadamente, estalam e acabam todas por juncar o chão. Por isto pode calcular-se que nas Flores não ha matas, nem madeira sequer de regulares dimensões. Mas, coisa curiosa! — se no ar não se erguem arvores que a dêem, encontram-se soterrados e já exteriormente carcomidos fortes madeiros de cedro, muito bem



Uma festa do Espirito Santo na freguezia da Lomba.

conservados no interior, de uma côr lindae de um aroma agradabilissimo. D'elles se tira madeira, lenha e até magnificas peças para entalhadores e santeiros.

Certamente que os belos exemplares vegetaes, que os deram, crearam-se anteriormente ás ultimas subversões vulcanicas que acabaram de retalhar a celebre Atlantida de Platão, e constituem mais um documento a estudar para lhe provar a tão debatida existencia.

Por toda a ilha abundam os vestigios d'essas subversões, sendo os mais curiosos os accidentes carcomidos do solo; a agua que borbulha por toda a su-



Barcos em perseguição de um cardume de baleias

perfície, ora friade neve como a da Fonte do Frade, ora ebulliente como a de Vale da Costa, no Lagoado, na qual o viandante cose uns ovos ou peixe em poucos minutos; as lagoas em que se converteram as crateras entulhadas de antigos vulcões e do bordo de algumas das quaes sentimos vertigens ao olhar para o fundo, estremeçando á idéa dos pavorosos misterios, sepultados n'aquelas águas impene-tráveis e de uma quietação letal.

As enormes cavidades, revestidas de lava, e as altas rochas sobranceiras imprimem-lhes uma côr de café. Não ha maneira de lhe vêr o fundo a dois palmos que seja; só se divisam os peixes encarnados e brancos, que vêem á flôr d'água atraídos por qualquer engodo.

Com as aguas das lagoas contrasta a do mar que cinge a ilha. Levemente córada de verde, não ha outra mais transparente. Ha sitios onde se vê o fundo a 5 e 6 metros, e mesmo mais, de profun-

dididade. E' interessante ver os peixes que passam lá em baixo, os polvos agarrados ás pedras alvacentas, as moréas com a cabeça de fóra da fenda da penedia, onde se acoitam, e até se o anzol conserva a isca e se o arame não tem voltas.

O mar tem um poder fascinante sobre o florentino, como sobre todos os açorianos. Aos que não nasceram ao pé d'ele, aos que poucas vezes o vêem, aos que desde creanças se não habituaram, ora ao seu marulhar dolente, como um vencido,



2. O estoucinar de um espermacete, vendo-se já na areia um pedaço de toucinho para ser derretido.



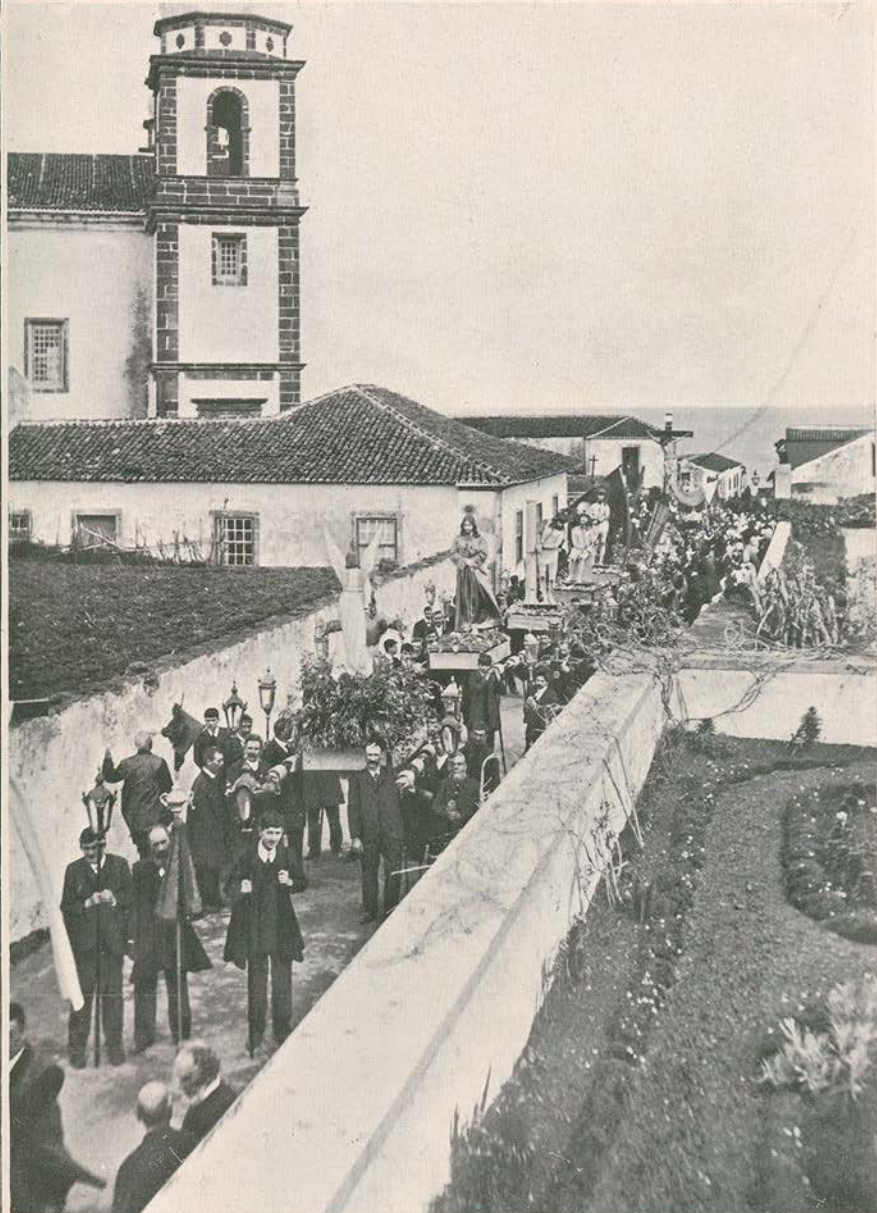
Fazenda de Santa Cruz

ora aos arrancos estrepitosos da sua furia contra a penedia, como um monstro implacavel, a esses o mar faz tristeza, fal-os cismar a orla vaga e longinqua do horizonte. Aos que ele embalou, aos que lhe escutam dia e noite as vozes misteriosas, desferidas n'uma estranha escala, o mar

só infunde alegria, animo e força. O açoriano foge da terra para passar a vida no mar. A lavoura, a jardinagem, o officio mecanico só o entretem quando o mar não o deixa ir bordejar, nadar, pescar, apanhar baleias e outros cetaceos como o cachalote. Aquele horizonte, deante do



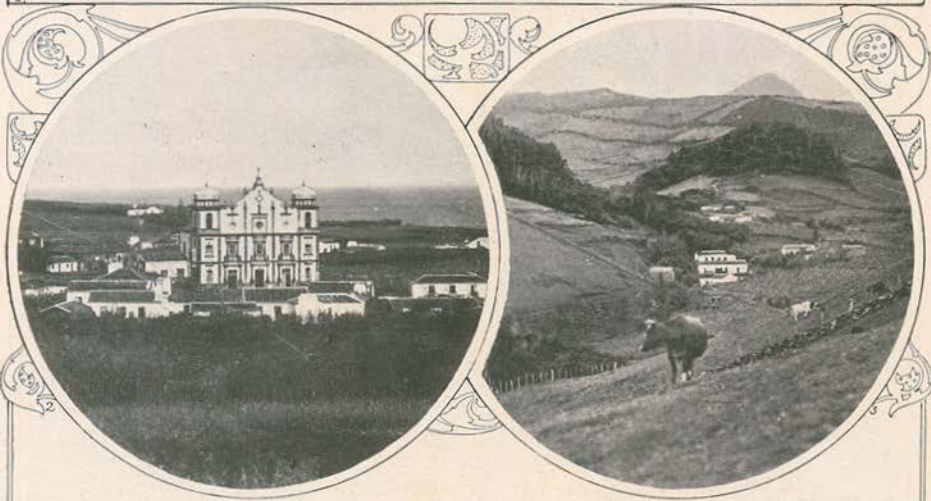
Santa Cruz das Flores



A Procissão do Triunfo em Santa Cruz das Flores

qual muitos se enervam cismáticos, desperta ao açoriano o desejo invencível de o transportar; o mar não lhe segreda salmos tristes;

tem para elesó vozes de incitamento paternal. A sua ilha e o seu mar são pequenos de mais; sente-se como que asfixiado pela



1. Um lindo trecho das Flôres: Povoado da Ribeira dos Barqueiros e Ponte da Cavelra em Santa Cruz.—2. A igreja matriz de Santa Cruz.—3. Trecho dos Vales de Santa Cruz.

cinta arroxçada do horizonte. Eeil-os que transpõem oAtlantico em demanda do Novo Mundo, onde todas as atividades, todos os ideaes, todas as aspirações encontram os seus objetivos, por mais fantasticos que pareçam. A California, especialmente, é o grande e hospitaleiro seio, que acolhe a emigração açoriana e que lhe deve a maior soma dos seus progressos e das suas prosperidades. Não se faz ideia do que o açoriano ali trabalha e de como ele se sente bem ali, procurando cercar-se de tudo quanto lhe lembra a patria, que ele conti-

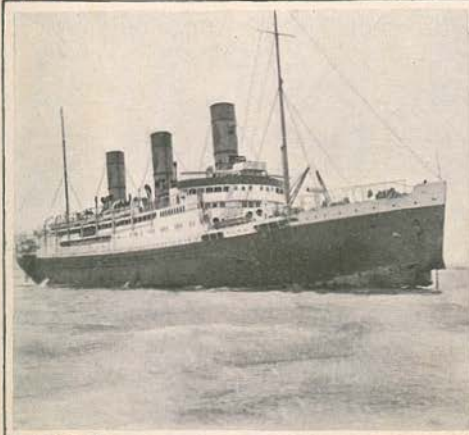
nua a amar, como se nunca a houvesse abandonado.

Jornaes portuguezes, escolas, igrejas, etc., tudo se encontra na California, chegando muitas vezes o viajante a ter a ilusão de que atravessa uma terra portugueza. E o açoriano tem d'isso tão legitimo orgulho, como de ser ele quem de longe, lá da America, tem contribuido com as suas economias e com a sua atividade, retemperada n'aqueie poderoso meio, para o principal progresso das suas ilhas.

A. M. F.



# O abalroamento do "Lutetia" com o "Dimitrios"



1. O «Lutetia».—2. O rombo da proa do «Lutetia».



3. O comandante e o imediato do «Dimitrios» depois do naufrágio.—4. A tripulação do «Dimitrios» a bordo do «Lutetia».

(«Clíchê» Benoitel).

O esplêndido paquete francez *Lutetia* que vinha de Montevidéu e Rio de Janeiro para Bordeaux ao passar entre os cabos Raso e o da Rocha abalroou com o vapor grego *Dimitrios* em virtude d'este se lhe ter metido na linha de navegação por uma manobra errada. O choque foi violentissimo e o panico enorme, não tendo sido muito maiores as perdas porque o maquinista do vapor grego teve a presença de espirito necessaria para abrir as

valvulas das caldeiras. A bordo do *Lutetia* foram recebidos 19 tripulantes do vapor grego *Dimitrios* tendo desaparecido quatro que eram um official, dois fogueiros e o heróico maquinista.

A proa do grande paquete francez *Lutetia* tem um largo rombo e o outro barco desapareceu.

♦♦



# IMPRESSÕES SOBRE O LAGO LÉMAN

## II - VOTAS

4 Preludios Para Piano Por  
I - BRUMAS

*D. Luiz da Cruz e Azerada*

Vivacissimo (♩ = 200)

ppp legato il basso e ppp

Adagio (♩ = 60)

ppp solemne dolcissimo

ppp

pp cresc.

pp cresc.

ppp rall. molto ppp



ppp cresc.

pp stacc. accel.

Con b<sup>♭</sup> (♩ = 150)

pp sf

## III - VENTO NORTE

pp sf

pp senza rall.

pp cresc.

pp senza rall.

## IV - OCASO

Largo (♩ = 76)

ppp sfz

pp cresc.

ppp a tempo e dim.

pppp perdendosi e molto rall.



# Valadares

primeira ao lado sul, rodeada de compacto arvoredado, é dotada de diversas mesas de cantaria, onde no verão se podem saborear «lunchs» opiparos...

A segunda, ao norte, igualmente arborizada tem, pelo lado leste, a ponte d'embarque que nos conduz, por um arruado de saibro, a uma elegante choupana coberta de côlmo. Seguindo-se a margem direita do lago, ao fundo onde a água transborda, um antigo moinho rangendo



Quem se disporer a percorrer os locais mais pitorescos de Valadares, diversos são os pontos que deve visitar; no entanto, o que mais interessante se nos oferece, não só pela sua grandeza mas também pelo seu aspeto atractivo, é, sem duvida, a Quinta da Formiga, propriedade dos viscondes de Proença Vieira. Pelas fotografias que acompanham esta pequena descrição, fácil é calcular o quanto de gigantesco e maravilhoso encerra essa bela e vastíssima propriedade assente n'um elevado monte. A entrada da mata, depara o visitante com o enorme lago, orlado d'enormes e expessos bambus, mimosas e eucaliptos n'uma graciosidade indescritível.

No ancoradouro estaciona o barco que o ha de conduzir ás duas ilhas que do meio do lago nos olham. São elas: a ilha dos Amores e a de Santa Helena. A



1. Um vetusto castelo dentro da propriedade.—2. A ilha de Santa Helena na quinta.—3. No alto da mata: A respirar do ambiente a ideal fragrança, alheio á dor, ao tédio, alheio ao mal.

animado pela impetuosidade da corrente, vae moendo vagaroso o pão para os caseiros... Entremos na mata; por entre o cerrado arvoredado que em certos pontos mal deixa espreitar o sol, vae-se distinguindo a custo, um nicho, uma gruta, um castelo...

A breve trecho encontra-se n'um recanto a varanda de Pilatos, d'onde se avista uma grande extensão para leste e sul. Subindo á explanada do castelo, é surpreendente o magnifico panorama que d'ahi se disfruta em todas as direcções. Para norte e leste espraia-se a vista n'um delicioso conjunto, avistando-se ao longe a historica



egreja de S. Caetano ereta no cume do monte do mesmo nome.

Continuando a percorrer a quinta agora para sul, encontra-se, ainda no alto da mata, meio oculto pelo arvoredo que o rodeia, um grande recanto onde uma só pedra forma uma enorme meza, que convida o visitante a repousar por alguns momentos devorando com apetite a sua merenda, e dar por findo n'aquelle dia o seu passeio!



1. Moinhos dos Ribeiraes.—2. Uma queda no lago da quinta.—3. Nos Ribeiraes no sopé do monte de S. Caetano.  
(«Glêches» do distinto fotografador amador sr. Joaquim Menezes Barbosa).

# A comemoração do 31 de Janeiro no Porto

O aniversario da revolução do Porto foi, como de costume celebrado na capital do norte. Nos paços do concelho hasteou-se a bandeira do centro Federal 15 de novembro que foi a que se arvorou n'aquello edificio nas horas da revolta e quando ali se proclamou o governo provisorio a que presidia Alves da Veiga, atualmente ministro da Republica em Bruxelas.

Foi com a contigencia da Guarda Republicana que se hasteou o historico estandarte enquanto a multidão com um delirante entusiasmo saudava esse simbolo que durante vinte anos piedosamente se guardou.

No Campo da Republica ia-se organi-



A passagem do cortejo em frente do monumento no Prado do Repouso.

sando o cortejo que devia ir ao cemiterio do Repouso depor as flôres da saudade pelos mortos d'aquella jornada revoluc onaria e que foi imponentissimo.

O comandante da divisão, os vereadores, corpos docentes das escolas, estudantes, collegios particulares, delegados das associações operarias, representantes de todos os tribunaes, emfim o elemento official e das agremiações populares foram cobrir de flôres monumento diante do qual desfilaram muitos milhares de pessoas.

Da varanda da Camara Municipal á volta do cortejo o presidente da vereação e o governador civil, assim como o dr. Jaime



O povo em frente aos Paços do Concelho vitorlando a bandeira da insurreição de 1891



Na varanda dos Paços do Concelho o presidente do município falando ao povo. Ao lado o comandante da divisão.

Corteção, prestaram homenagem á memoria das vitimas que se bateram pela liberdade e de cujo sangue havia de germinar a Republica.

Um grande bodo foi distribuido, foi melhorado o rancho nas cadeias e nos quartéis, em todas as coletividades se realizaram sessões solenes em evocação da revolta fazendo uma conferencia no centro democratico o sr. dr. Alexandre Braga que foi muito aplaudido.

Quando terminou a sua conferencia o povo aclamou delirantemente o tribu-

no que n'essa mesma noite assistiu á inauguração do Montepio que tem o seu nome e onde as ovações se repetiram.

Em diversas terras do



2. Crenças das escolas assistindo á passagem do cortejo na igreja de Santo Ildefonso.—3. O povo assistindo ao desfile do cortejo no Prado do Repouso.



paiz também se celebrou essa data e os seus heroes entre os quaes se contam além do tenente coronel Coelho, major Malheiro, tenente Boto Machado, capitão Taveira, muitos outros militares a quem a

Republica galardouo o seu esforço de então readmitindo-os no exercito de que são brilhante ornamentos, muitos civis entre os quaes se destacam srs. Alves da Veiga, Chagas, Bruno e Bazilio Teles.



1. Os revolucionarios do 31 de Janeiro incorporados no cortejo fazendo a continencia ao monumento.—2. Colocando um *hougnel* no monumento.—3. Uma montanha de corôas e *hougnets* no monumento.—(«Clickês» Alvaro Martins).

# Figuras e Factos



1. Sr.ª D. Maria Lobo Mendes de Fraga, falecida na Ilha do Corvo.—2. Sr. dr. Fernando Maria de Sousa, falecido em Marco de Canavezes.

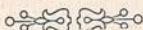
D. Maria Lobo Mendes de Fraga.—A mãe dos nossos amigos sr. José e Manuel de Fraga, o ultimo dos quaes tem honrado com a sua colaboração fotografica as paginas d'este magazine, era uma virtuosa senhora que deixou saudades em todos que a conheciam.

## FRANCISCO BAHIA

O illustre pianista sr. Francisco Bahia retomou o seu lugar de director da Escola de Musica, do qual o afastara uma sindicancia de que apenas se tiraram as mais lisongeiras provas para a acção do distinto professor n'aquello estabelecimento d'ensino, onde foi acolhido com as mais completas e merecidas manifestações de carinho e respeito.



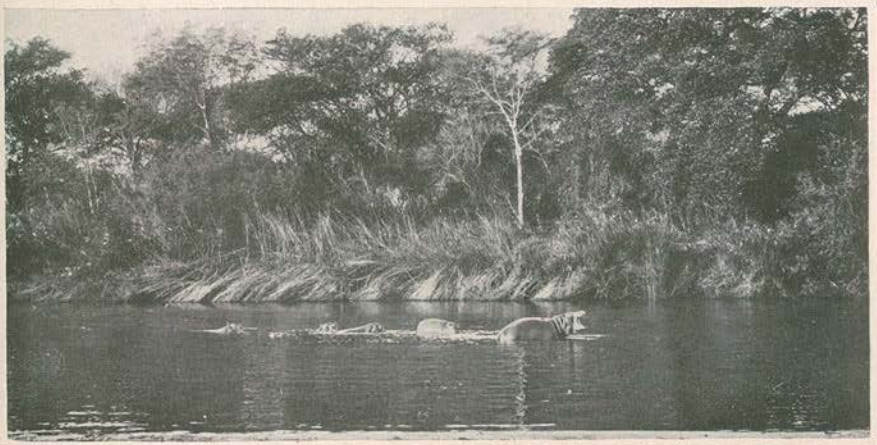
O sr. Francisco Bahia, director da Escola de Musica.



Dr. Fernando Maria de Sousa.—Foi um distinto aluno da Universidade e conservador em Marco de Canavezes onde a sua morte foi profundamente sentida e o seu funeral uma manifestação de saudade dos seus amigos.

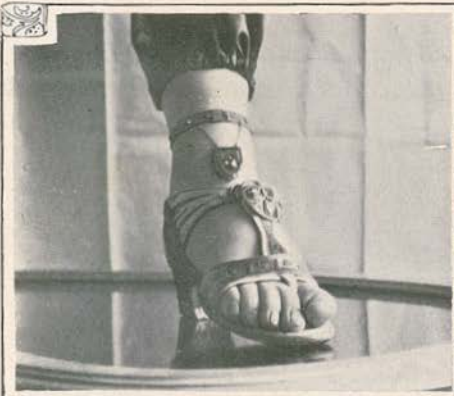


4 Grupo musical Sanjoanense de S. João da Madeira.—5. Na villa Cortez, Ermesinde, no dia do anniversario do seu proprietario sr. Antonio de Souza Cortez



Hipopotamos no Rio Umbeluzi





O moderno calçado de luxo da parisiense.

A parisiense depois do chapéu com frutas e legumes também fez inovações no calçado. Modificou-se, pois, da cabeça aos pés. A parisiense

vai ao baile de sandalias, como iam as gregas e as romanas, atadas na perna e com medalhões d'ouro ornados de pedras preciosas.

**Ferro em Braza**—A emigração é tratada n'esta novela interessante do sr. Augusto Forjaz d'uma forma sugestiva prestando-se assim n'este livro um grande serviço ao paiz, que tanto carece de braços e de esforços.

O distinto escritor conseguiu impressionar vivamente com o seu trabalho cheio de vigor e de vida.



Sr. A. Forjaz autor do livro *Ferro em Braza*, recentemente publicado.



Sr. Sarmento Beja autor do *Silhouetes*, recentemente publicado.

**Silhouetes** é uma revelação literaria. O seu autor sr. Sarmento Beja n'uma linguagem pitoresca fotografa grande numero de individualidades conhecidas em todos os meios, conseguindo fazernos ver os lados salientes dos seus caracteres.

E' um esplendido trabalho que o ilustre caricaturista Manuel Monterroso ilustrou caprichosamente.



O primeiro grupo dos boy-scouts de Lisboa que acampou dois dias na mata do Alfêite: A lavagem das latas do rancho. («Clichê» do photographo sr. João Canela).



O sr. dr. José de Padua, que realizou em sua casa uma brilhante *soirée* musical.

Em casa do senador sr. dr. José de Padua, que é um distintíssimo amador de música, realizou-se uma brilhante *soirée* musical comemorando o centenário de Verdi.

Foram executadas algumas das mais belas produções do grande maestro por uma orquestra regida pelo dono da casa e composta por senhoras e cavalheiros dos mais notáveis amadores de música.



O distinto violinista Eduardo Pavla de Magalhães, que tomou parte no concerto realizado em casa do sr. dr. José de Padua

No programa do concerto figurava entre outros belos trechos a *Missa de Requiem* cantada a primor como a *Avé Maria* do *Otello*, *Falstaff*, a *Pace mi Dio* de *La Forza del Destino*, a *aria* do 1.º ato da *Traviata*, o *Racconto do Trovador*, parte do *Baile de Mascaras*, *Avé Maria* de I. Lombardi e trechos do *Rigoletto*, sendo todos os intérpretes e executantes aplaudidíssimos.

Sentadas: sr.<sup>as</sup> D. Irene d'Almeida, D. Leopoldina Cordeiro, D. Carolina Padua Franco, D. Ermelinda Cordeiro. De pé, sr. Alfredo Mascarenhas, sr.<sup>s</sup> D. Maria Amélia Cid, sr. Jaime Padua Franco, sr.<sup>s</sup> D. Alice Pereira, sr. Antonio José Pereira e sr.<sup>a</sup> D. Adelalde Vitoria Pereira (Clichê de Vasques)

# As experiencias d'aplicação dos explosivos na agricultura



1. O sr. Tertuliano Prata, proprietário da herdade da Mourisca e o sr. Castro Neves, diretor do *Seculo Agricola*, com alguns membros do jurí.—2. Antes da explosão: O coronel sr. Brito, diretor da fabrica da Chedite do Lavrado, carregando um cartuxo.

Nos terrenos pertencentes ao sr. Tertuliano Prata a duas leguas de Setubal, realisaram-se as experiencias de applicação dos explosivos á lavoura de que o *Seculo Agricola* tem sido o mais ativo propulsor as quaes deram uns otimos re-



sultados como sempre, apesar do terrivel tempo que fazia.

Assistiram á experiencia alem de muitos agronomos e engenheiros, o diretor e diversos redatores d'aquelle seminario que tantos serviços tem prestado á agricultura.

Uma das fases das experiencias



O jurí assistindo ao serviço da perfuração

(«Clichés» Benoitel)

## A festa na Sé pela chegada do patriarca de Lisboa



A chegada do sr. patriarca de Lisboa à sua diocese, d'onde fora expulso por dois anos, solenizou-se com uma grande festa na Sé onde se devia também realizar um solene *Te-Deum* no qual o sr. D. Antonio Mendes Belo seria celebrante. Em virtude d'uma disposição da lei da Separação, que se invocou, o illustre



prelado não pôde officiar, como esperavam todos os fieis.

A enorme multidão que enchia o templo fez uma grande ovação ao sr. D. Antonio acompanhando-o depois à nova séde do patriarcado onde o entusiasmo foi delirante nas aclamações ao patriarca que comovidamente as agradeceu.



1.e 3. Aspectos da multidão de fieis à porta do templo.- 2. Sr. D. Antonio Mendes Belo, patriarca de Lisboa

(«Glicéss» Benoitel)

# Uma exposição de arte no Porto



1. Retrato de A. S.—2. Beethoven.—3. Alma doente

No Porto de pas-  
sagem, fui hontem  
à Galeria da Misericórdia ver a ex-  
posição de escultura e pintura de  
Diogo de Macedo e Joaquim de Souza.  
Tendo perdido o comboio da  
manhã devido á teimosia de sua  
excelencia o frio, não perdi com-  
tudo o meu tempo, pois que a ex-  
posição dos dois mo-  
ços artistas compen-  
sou em absoluto mais aquelas  
horas d'ausencia  
ao meu retiro de  
Lisbôa.

Eu venho falar do que vi; e pena  
tenho — sinceramente o digo — de  
não poder falar tanto e quanto  
eu de verdade compreendo  
que deveria falar. Estamos  
em face de uma grande afir-  
mação dentro do movimento  
da escultura portugueza,  
e de uma simpatica e atra-  
tiva iniciação de pintor.  
Pena o espaço... Não  
posso: eu sei bem que  
não conseguiria atrair  
para longas linhas de  
apreciação o publico  
de levandade que ai  
vae. Duas palavras,  
pois; e essas, ao menos,  
sinceras.

O pintor Joaquim de  
Souza é um espirito de  
contemplativo eviden-



O arrastado da rede



Emigrantes

temente marcado  
na sua obra da ex-  
posição. Dizem-no  
essas pequenas  
telas como enquad-  
rando grandes  
assuntos de ternura  
e representando-se  
por uma tristeza  
singularmente  
velada de oiros  
mortos e arvores  
em atitudes de as-  
piração, nos poen-  
tes, nas marinhas,  
nas impressões  
d'alva e dos efeit-  
os lunares. Nos  
seus trabalhos  
d'agora — que são  
os da 1.ª exposi-  
ção — nota-se, sem

duvida, uma certa hesitação e insufi-  
ciencia de tecnica; mas o que lá  
está bem visível na escolha dos  
assuntos, na maneira de *querer*  
e de *indicar* intimos de Joaquim  
de Souza é a revelação incontestavel  
de que existe mais  
um paisagista portuguez,  
com um doce e real senti-  
mento da natureza livre da  
região. Basta, para o  
podermos afirmar, uma  
recordação dos seus  
quadros *Crepusculo*, *En-  
tardecer no Douro*, *Praia  
do Senhor d'Alem* e *Aman-  
hecer*.

Mas o escultor seu  
companheiro de exposi-  
ção, Diogo de Macedo,  
é Alguem que diz alto e  
de um modo bem sim-  
ples e terminante, o que

quer. Este artista pertence ao pequeno numero dos homens d'arte portuguez cuja expressao plastica revela uma superior dualidade de vigor tecnico e representação intellectual. Todas as conveniencias mesquinhas da Academia passaram para traz da sua obra livre e segura, e de um invulgar destino. Em nenhum dos seus trabalhos Diogo de Macedo pretendeu a singularidade escandalosa do casaco de Fradique; como tambem em nenhuma das suas obras pretendeu captar um sorriso e as palmas das amaveis do conselheiro Inocencio, que ora abanca na esquerda radical do Senado. Ha nobreza, ha superioridade e independencia na obra exposta d'este raro interprete da beleza maior, da beleza interior e largamente humana. E para se afirmar que Diogo de Macedo tem no espirito como nas mãos um conhecimento excepcional do seu *métier*, basta citar a doce graça, a envolvedora e inexprecivel graça do seu gesso *Nina de Velasquez* e a grandeza interrogativa e amarga do seu busto de Camilo. Na sua obra tudo se revela de um profundo mundo interior, nitido á luz do sol



Retrato do sr. dr. M. de Castro



2. No Jardim.—3. Clementina



Regando as flores

ou da vida de uma maneira alta, dominante e comovedora. Falam-nos assim todos os seus trabalhos: *Madona do Campo Santo!... Sorriso triste!... Alma doente!... Beethoven!!!* O busto do escritor Ariosto Silva!... etc... Uma curiosa nota a observar é a de Diogo Macedo e Joaquim de Sousa serem naturaes de Gaia. Parecerá isto a muitos uma nota sem interesse. Mas prezo eu marcal-

a, porque me interessa sobre maneira que a verde Vila Nova d'alem da Ponte continue sendo uma terra de artistas, e com tradições nobilissimas na historia da arte nacional.

Ao regressar de Paris — do seu largo periodo de estudo — Diogo de Macedo instalou-se na sua terra, e lá realiso uma grande parte das suas obras expostas agora no salão da Misericórdia. Joaquim de Sousa tomou as suas telas e partiu para as margens do Douro ou para os pinheiraes encantadores de Vilar do Paraíso. D'ahi a origem d'esta exposição, sobre a qual ha que felicitar, com aplausos sinceros, a arte nacional.

A. G.



# TEATROS

## TEATRO DO GINASIO

### A BELA MADAME VARGAS

Paulo Barreto é um dos mais gentis espiritos da moderna literatura brasileira. O paradoxo brinca na sua prosa colorida e latina. O jornalista e o homem de letras completam-se e fundem-se na sua obra impressiva e nervosa, que um sangue sensual anima. Temperamento inquieto, um pouco cético e um pouco imaginativo, veste a vida das roupagens reluzentes da Beleza e da Ironia.

A *Bela Madame Vargas* é a sua primeira peça—e o Ginasio honrou-se com a afetuosa hospitalidade que deu a essa obra, em que se fazem aplaudir as mais requintadas e elegantes qualidades literarias do seu illustre autor.

## TEATRO POLITEAMA

### O TESTAMENTO DE LUPIN

Um ato gracioso, alegre, interessante; um ato mau; outro detestavel. *O Testamento de Lupin* é, assim, uma peça que parece ter sido feita por tres pessoas verdadeiras—e uma só distinta. No segundo ato, aquella situação em que

todas as figuras da peça se coçam, em côro, faz talvez rir—mas é d'um mau gosto notavel. Ao meu lado, um espetáculo, por contagio, coçava se tambem. *Schocking*.

## TEATRO NACIONAL

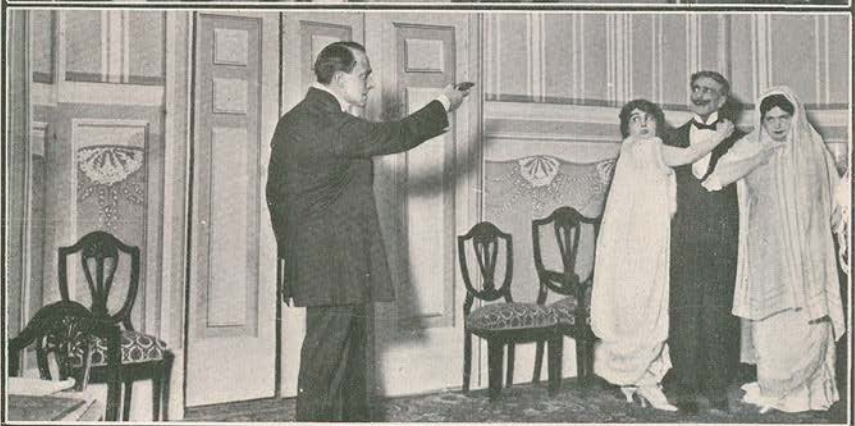
### A VIRGEM LOUCA

O moderno teatro parisiense—quando as ultimas palmas cobrirem as ultimas ironias deliciosas de Fiers, Caillave e Gavault; as ultimas malicias de Feydeau; os ultimos sorrisos de Donnay e as ultimas violencias de Bernstein,—tres nomes ficarão, certamente, como legitimos representantes da nobre, humana e emotiva dramaturgia franceza: Hervieu, Porto-Riche e Henri Bataille. A *Course du Flambeau*, a *Amoureuse* e a *Marche Nuptiale* são, parece-me, as tres grandes obras definitivas do teatro da França, nos ultimos quinze anos.

Henri Bataille é, mais que um grande dramaturgo, um grande poeta dramatico. O halito da musa de Musset parece bafejar ainda a sua inspiração, local-a do sonho resplandecente do Amor. E, assim, uma luz de divina e comunicativa beleza, de transcendente idealidade, anima, envolve e doira o seu teatro.



1. A atriz Zalmira Ramos.—2. Sr. Paulo Barreto (João do Rio) autor da peça—3. Uma cena da peça «Madame Vargas»



1. No Politeama: Uma cena do 1.º ato do «Testamento de Lupin».—2. No Nacional: Uma cena do 3.º ato da «Virgem Louca» ator Carlos Santos, atriz Augusta Cordeiro e ator Augusto de Melo.—3. Uma cena do 4.º ato da «Virgem Louca», ator Luiz Pinto, atriz Palmira Torres, ator Carlos Santos e atriz Augusta Cordeiro—(Clíches de Benolli)

Para Bataille, a Vida — é a Mulher. E é essa Mulher, caminhando d'olhos fixos no azul, os pés sangrando sobre a estrada de espinhos da Paixão, que ele segue, como um místico, nos seus dramas. Amar, para Bataille, é um misterio doce, sagrado, doloroso — e é esse misterio que ele canta em hinos que o seu talento dramatico transplanta para a cena. Mais do que grandes dramas, a *Marche Nuptiale*, a *Maman Colibri*, a *Virgie Folle*, são esplendidas oratorias do Amor.

A *Virgem Louca*, como traduziu o sr. Amadeu Cunha ou A *Virgem desassisada*, como propõe o sr. dr. Sousa Pinto, é a tragedia feminina do Desejo e da Renuncia.

Ha n'ela sempre verdade, a verdade relativa e efemera de que é feita a vida mortal e quotidiana que vivemos? Não, talvez. Mas ha n'ela, mais do que verdade, humanidade — e, mais do que humanidade, imortal Beleza.

A. de C.

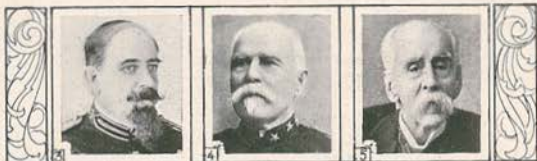


# FIGURAS & FACTOS



1. O cenógrafo sr. José Mergulhão, 2. O quadro das rendas na revista «Paz e União» em cena no Apolo.—(Cliché A. Lima)

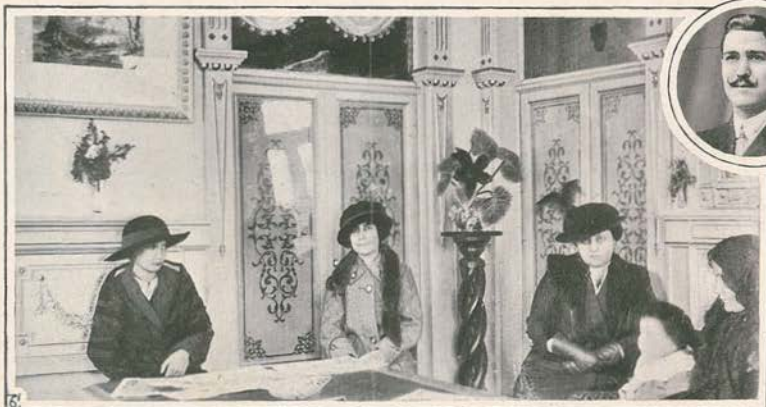
Um dos mais lindos quadros da revista *Paz e União*, em cena no Apolo, é o das rendas, trabalho do distinto cenógrafo sr. J. Mergulhão que tendo começado a sua carreira n'ela tem colhido os mais francos e



3. General sr. José Maria Gomes Pereira, falecido em Lisboa.—4. General sr. Constantino José de Brito, falecido em Bemfica.—5. Sr. D. Antão Vaz d'Almada, falecido em Viana do Castelo.

merecidos aplausos, outros tantos incentivos para a continuar.

Essa cena comprova que o distinto cenógrafo é alguém com quem de futuro pode contar o teatro portuguez.



7. O sr. José Augusto Fernandes—6. Aspêto d'uma sala do consultorio do distinto dentista sr. José Augusto Fernandes, na rua da Bela Vista e que foi agora restaurada com o mais esmerado, artistico e fino gosto.—(«Cliché» de Benoitel)

## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME 19  
**BROUILLARD**



Diz o passado e o presente e pre-  
diz o futuro, com veracidade e rapi-  
dez; é incomparavel em vaticínios.  
Pelo estudo que fez das ciencias,  
quiromancias, cronologia e fisiologia  
e pelas applicações praticas das teo-  
rias de Gail, Lavater, Desbarrolles,  
Lambrose, d'Arpenigney, madame  
Brouillard tem percorrido as princi-  
pales cidades da Europa e America,  
onde foi admirada pelos numerosos  
clientes de mais alta categoria, a  
quem predisse a queda do Imperio e  
todos os acontecimentos que se lhe  
verificaram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá  
consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA  
DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1900 rs., 2500 e 5000 rs.

Sederia  
**Schweizer**

franco  
de porte a domicilio.  
Ultimas novidades em sedas para Vesti-  
dos e blusas bem como em veludões e pe-  
luches. Pegam as nossas amostras franco.

Schweizer e Ca., Lucerne e II  
(Suíça)



**SELLOS DE CORREIO**

Preços sem competencia.

**CATALOGO GRATIS E FRANCO**

Remettam-se folhas para escolher.

**H. POULAIN**

5, Rue Victor-Massé, 5, Paris.



**CRÈME  
SIMON**

PARA  
conservar ou dar  
ao rosto  
**FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as  
influencias perniciosas da atmosfera,  
é indispensavel adoptar para a toilette  
diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o  
**SABONETE Crème Simon**, prepa-  
rados com glicerina, a sua acção  
benefica é tão evidente que não ha  
ninguem que o use uma vez que não  
reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10<sup>e</sup>  
Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabellerei os.

*Desconfiar das Imitações.*



## OS MEDICOS

*Aconselham o Phoscao aos debeis, aos  
convalescentes, aos exhaustos, aos velhos,  
e aos que sofrem do estomago.*

Em lugar do café ou do chocolate te-  
mae todas as manhãs uma chicara do

**PHOSCAO**

(Antigamente Phospho-Cacao)

**O MAIS REQUINTADO DOS ALMOÇOS  
O MAIS PODEROSO DOS RECONSTITUINTES  
REMESSA GRATUITA**

De uma caixa para experiencia

Deposito: **FORTUNY Hermanos**, 32, Hospital, Barcelona (Hispanha)  
Mercearias, Pharmacias e Drograrias

**Gold-Crème Albert Simon**

negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescém os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

**VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup>** — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.<sup>o</sup> — LISBOA



# AUTOMOVEIS

# Cottin &

# Desgouttes



*Notavel pela sua energia em rampa*

Admiravel pela sua simplicidade bem patente nas gravuras que damos do motor.  
Dispensa chauffeurs mecanicos, todos os orgãos principaes do motor são de um  
acesso facilimo para regular e desmontar.

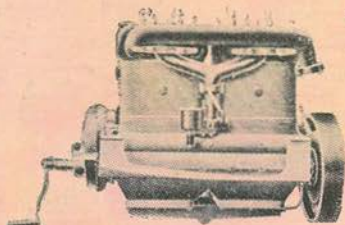
## A. BLACK & C.<sup>A</sup>

GARAGE BLAK

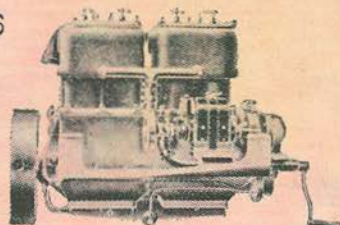
26, TRAVESSA DA GLORIA, 26

TELEFONE 3046

LISBOA



Motor lado das valvulas



Motor lado do magneto